

**André Balan**

*Intérprete de LIBRAS - SENAI*

andredezao@hotmail.com

## FATORES DETERMINANTES NA TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO DAS LÍNGUAS DE SINAIS

---

### RESUMO

Vários fatores podem ser determinantes na qualidade da interpretação/tradução de uma mensagem. Por meio de levantamento bibliográfico e experiência adquirida na área de interpretação da Libras pelo autor desta pesquisa, o foco deste trabalho é dar a conhecer fatores determinantes na interpretação/tradução de uma língua a outra e tornar reconhecíveis as complexidades de interpretar e traduzir uma mensagem e formar ideia da assiduidade das discordâncias possíveis na interpretação/tradução. As discussões estão vinculadas a ilustrações do cotidiano e relações com a Língua Portuguesa, facilitando aos leitores, da área de linguística ou não, a constituição de conhecimento dessa temática, evitando explicações categoricamente formais. Pelos encaminhamentos apontados, a pesquisa afirma que interpretar /traduzir está distante de ser algo simples, ficando notáveis, pelos exemplos apresentados, discordâncias das traduções/interpretações, passíveis de modificarem o sentido real da mensagem por meio de fatores que podem ser determinantes no sucesso do trabalho do tradutor intérprete de uma língua a outra.

**Palavras-Chave:** interpretação; tradução; Libras.

---

### ABSTRACT

Several factors may determine the quality of interpretation/translation of a message. Through bibliographical survey and experience gained in the area of interpretation of Sign Language by the author of this research, the focus of this work is to allow the knowledge of the factors that determinate interpretation/translation from one language to another, especially in Sign Language, and make recognizable the complexities of interpreting and translating a message and form the idea of assiduity of possible disagreements in interpretation /translation. The discussions are linked with illustrations of everyday life and relations with the Portuguese language, making it easier for readers of linguistics area or not the constitution of knowledge of that subject, avoiding categorical formal explanations. By referral, research claims that interpret/translate is far from being simple, getting remarkable, by the examples presented, disagreements of the translations/interpretations, which may alter the real meaning of the message/discourse, through factors that can be decisive in the success of the work of an interpreter translator from one language to another.

**Keywords:** interpretation; translation; Brazilian sign language.

Anhanguera Educacional Ltda.

Correspondência/Contato  
Alameda Maria Tereza, 4266  
Valinhos, São Paulo  
CEP 13.278-181  
rc.ipade@anhanguera.com

Coordenação  
Instituto de Pesquisas Aplicadas e  
Desenvolvimento Educacional - IPADE

Artigo Original  
Recebido em: 27/05/2013  
Avaliado em: 10/12/2013

Publicação: 17 de dezembro de 2013

## 1. INTRODUÇÃO

O trabalho de interpretar ou traduzir não é tarefa fácil. Vários são os autores que vêm falar sobre esse ofício, ou a respeito das gramáticas, da ética na interpretação, sobre o mercado de trabalho, a qualificação profissional, entre outras questões relativas a esse tipo de atividade. Interpretações e traduções estão presentes em nossa vida social, em livros, músicas, programas de televisão, ou seja, em contato direto ou indireto com usuários de línguas e culturas diferentes. Há, contudo, a necessidade de ampliação nas reflexões e discussões dos conhecimentos sobre a atuação dos Intérpretes e Tradutores nos variados campos de atuação, em especial quando se trata de uma língua sobre a qual ainda há muito a ser explorado: a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Com o foco nesse campo de atuação, concebe-se o entendimento de que [...] *não existem traduções 100% fiéis ou equivalentes* (SAID, 2010, p.26). Por meio de levantamento bibliográfico e percepções do autor deste estudo, mediante sua qualificação acadêmica, experiência profissional e convivência com a comunidade surda, apresentam-se aqui fatores determinantes na interpretação/tradução de uma língua a outra (Português Libras e Libras Português), e exprimem-se alguns conhecimentos já produzidos pelos demais autores, de modo a tornar explícita a assiduidade das discordâncias possíveis nesse ofício e de tornar reconhecível a complexidade do ato de interpretar e traduzir uma mensagem.

## 2. FATORES DETERMINANTES

Vários fatores podem ser determinantes na qualidade da interpretação/tradução de uma mensagem, seja ela de conhecimento: científico, senso comum, infantil, fictícia, cunho jornalístico, humorístico, entre outros. Assim, vários autores, alguns já renomados, trazem em suas bibliografias competências necessárias para a tarefa de interpretar ou traduzir uma mensagem. Em Roberts (1992 *apud* GONÇALVES, 2011, p.4) encontram-se algumas dessas competências. São elas: competência linguística, competência para transferências, competência metodológica, competência na área, competência bi cultural e competência técnica. Para maior adequação a essa produção, visando o ato de comunicação como um todo, essas competências serão denominadas, no desenvolvimento deste estudo, “fatores” – seguindo o entendimento de que “*fator é aquilo que contribui para um resultado*” (Cf. AURÉLIO).

O primeiro<sup>1</sup> fator a citar é o *conhecimento prévio da mensagem*. Para entender a que se aplica esse fator usemos como exemplo uma ocasião simples: note-se que quando se faz a experiência de assistir a um filme já começado, tendo já decorrido boa parte dele, o espectador certamente terá que fazer um grande esforço de interpretação para compreender o que se passa no filme e, por vezes, fazer perguntas àquelas pessoas que já estavam assistindo ao filme desde o início, pois estas obtiveram informações sobre o filme que contribuem para uma maior compreensão do que está se sucedendo naquele momento do roteiro. Caso estivesse acessível a sinopse do filme – contendo as informações sobre a região/local em que se passa a história, a época, o tipo de filme, o perfil de alguns personagens, etc., ter-se-ia maior facilidade de interpretação do filme. As informações prévias, ou conhecimentos prévios, servem como um apoio para se obter um melhor entendimento acerca do contexto, da mensagem, dos conteúdos do filme a que se vai assistir. Essa mesma circunstância também pode estar presente na interpretação/tradução de uma língua para outra, sendo comum, por exemplo, o intérprete buscar saber, antes do momento da interpretação, o que diz respeito ao discurso a ser interpretado, as informações que lhe podem servir de apoio para melhor entendimento. O conhecimento prévio da mensagem aumenta (embora não garanta) as possibilidades de obter sucesso na interpretação.

Considerando esse fator, observa-se que é comum para pessoas surdas e ouvintes o fato de falantes de línguas estrangeiras, no ofício de palestrantes, levarem seus próprios intérpretes, porquanto são profissionais que já têm afinidade com o conteúdo da palestra, com os sinais técnicos usados pelo palestrante. No caso de estar atuando outro intérprete, sem o conhecimento necessário do assunto, não surpreende que sua atuação possa estar marcada por um menor grau de coerência.

Um segundo fator determinante na interpretação/tradução de uma mensagem é a *competência na área*, definida por Roberts (1992, *apud* GONÇALVES, 2011, p.4) como “[...] conhecimento requerido para compreender o conteúdo de uma mensagem que está sendo interpretada”.

O intérprete de língua de sinais deve ter conhecimento específico da área, dominando os termos técnicos e os itens lexicais<sup>2</sup> pertinentes, para conseguir fazer um bom trabalho. Esses termos técnicos são próprios de uma área de conhecimento ou grupo e variam desde as áreas de filosofia, psicologia, teologia, biologia etc., ou mesmo em um

---

<sup>1</sup> A ordenança dos fatores citados diz respeito apenas à organização estrutural do texto, não existindo uma sequência lógica ou cronológica dos fatores – e também não determinando uma hierarquia entre eles.

<sup>2</sup> Itens lexicais são os sinais da língua de sinais (BRITO, 2012).

curso que não seja de nível superior, como um curso de costura, culinária, controle de almoxarifado, por exemplo, e que também possuem termos técnicos próprios. É um grande obstáculo traduzir/interpretar determinado conteúdo se não se tem considerável domínio do tema e da área em que se insere. Como exemplo, é possível que aconteça de ser necessário que se solicite a um professor especializado na disciplina de História que ministre aulas de Química. Pode-se dizer que a aula não seria de muito proveito para os alunos, estando assim o professor em uma situação no mínimo constrangedora, pelo fato de desconhecer, em nível de especialista, os conteúdos abordados na área de Química, ou seja, terá muitas dificuldades nesse trabalho pelo fato óbvio de não possuir competência nessa área.

Contudo, por maior que seja a competência do profissional intérprete, ele deve lidar ainda com o fato de muitas palavras da Língua Portuguesa ainda não possuírem sinais correspondentes na Libras. Vale notar que esse fator não é exclusivo das línguas de sinais, e também se manifesta nas línguas orais, sucedendo de um “[...] grande número de palavras não possuírem correspondente direto em outras línguas” (SOBRAL, 2010, p.2), ou seja, existem palavras que ainda não têm traduções em outras línguas, pelo simples fato de serem próprias de uma cultura específica e de por vezes, a explicação de seu significado não fazer sentido para a cultura dos falantes da língua para a qual será feita a tradução ou interpretação – um exemplo mais comum pode ser o uso de gírias ou de jargões peculiares a determinado grupo.

O terceiro fator determinante na interpretação/tradução é o *conhecimento bi cultural*, definido como:

Profundo conhecimento das culturas que subjazem às línguas envolvidas no processo de interpretação (conhecimento das crenças, valores, experiências e comportamentos dos utentes da língua fonte<sup>3</sup> e da língua alvo e apreciação das diferenças entre a cultura da língua fonte e a cultura da língua alvo) (ROBERTS, 1992, *apud* BRASIL, 2004, p.74).

Para ser mais diretos nas características relativas a esse fator, detalhamos, a seguir, um exemplo prático que abrange a necessidade de ter o domínio desse conhecimento bi cultural tão importante:

---

<sup>3</sup> Língua fonte é a língua que o intérprete ouve ou vê para, a partir dela, fazer a tradução e interpretação para a outra língua (a língua alvo). Língua alvo é a língua na qual será feita a tradução ou interpretação. (BRASIL, 2004).

Quadro 1. Exemplo de conhecimento bi cultural.

Contexto: um grupo de ouvintes iniciantes nos estudos da Libras, procurando fazer novas amizades, interagir, inserir-se na cultura surda - interação considerada de fundamental importância para a prática de interpretação e conversação –, vão a um evento de surdos e para surdos.

Após o evento, surdos e ouvintes combinam uma ida a uma *pizzaria*. Acontece que verificam que algumas pessoas não tinham dinheiro, então decidem que isso não será um problema, uma vez que podem dividir as despesas. Nesse momento, uma pessoa desse grupo - que chamaremos de Juarez – diz a um surdo:

- Vamos fazer uma vaca!

Passam-se aproximadamente dois minutos até que se percebe que está havendo um conflito, e que um dos surdos mostra-se muito irritado com Juarez. Quando a intérprete se aproxima para saber o que está acontecendo, o surdo esclarece:

- Ele me chamou de boi.

E somente após cerca de dez minutos de muita discussão, a intérprete consegue amenizar a situação explicando para o surdo que Juarez não o estava ofendendo, queria apenas ajudar, e que a palavra “vaca” na língua portuguesa também significa *dividir despesas*. Ocorre que Juarez estava usando uma gíria própria da sua cultura ouvinte.

Diante desse exemplo, avalia-se o quanto é indispensável ter conhecimento bi cultural, ter conhecimento da cultura dos usuários/falantes das línguas existentes na tradução/interpretação ou conversação. Por vezes, sem esse conhecimento, uma intenção de ajudar pode ser recebida como ofensa e gerar conflitos, caso não se levem em conta as diferenças culturais entre as línguas envolvidas. É muito comum piadas de pessoas ouvintes não terem significados lógicos para pessoas surdas, como também piadas de pessoas surdas que não terem significados lógicos para pessoas ouvintes, fazendo-se totalmente necessário que o intérprete tenha conhecimento cultural de ambas as Línguas envolvidas, apreendendo os dois “universos linguísticos” (SAID, 2011).

Além do conhecimento bi cultural das línguas envolvidas no discurso, observa-se um quarto fator necessário para se obter um bom desempenho na tarefa de traduzir/interpretar. Esse fator também envolve conhecimento de culturas, porém é mais amplo que o conhecimento bi cultural, pois o conhecimento bi cultural se restringe às línguas envolvidas na tradução/interpretação – o fator invocado agora é aquele denominado *conhecimento de mundo*.

Conhecimento de mundo é o conhecimento que o sujeito adquiriu no decorrer de sua vida: os conhecimentos históricos, políticos, conhecimentos adquiridos pela experiência profissional, social, e até mesmo o conhecimento chamado de senso comum. Esses conhecimentos são necessários para o tradutor/intérprete conseguir alcançar o sentido da mensagem, considerando que há casos em que essas mensagens não apresentam elementos claros para conduzir a seu entendimento. Lacerda (apud SOUZA, 2010, p. 63-64.) diz que “Interpretar envolve conhecimento de mundo, que mobilizado

pela cadeia enunciativa, contribui para a compreensão do que foi dito e em como dizer na língua alvo; saber perceber os sentidos (múltiplos) expressos nos discursos”.

Um exemplo prático para compreendermos as aplicações do conhecimento de mundo pode ser analisado no seguinte contexto: no decorrer de uma palestra que precisa ser interpretada em outra língua, o palestrante menciona um trecho da seguinte narrativa: “[...] e várias pessoas estavam sentadas à mesa e uma delas se levanta e, em alto som, arrotou descaradamente, perante todos, com expressão de satisfação. Todos atentam para a pessoa que arrotou e sorriem com expressão de alegria e aprovação!” Esse trecho, a princípio, parece não fazer muito sentido, pois leva as pessoas da plateia a se perguntarem como uma falta de respeito dessas pode gerar expressão de alegria e satisfação nas pessoas que estão ao lado. Acontece que o palestrante está se referindo a outra cultura, na qual esse comportamento de “arrotar após as refeições é um ato de elogio nos países árabes” (CICCA, Ingrid.). Nessas horas, o conhecimento de mundo do intérprete poderia evitar o conflito no entendimento das pessoas que assistem à palestra, cabendo a ele elucidar o sentido da mensagem que está sendo interpretada.

O quarto fator determinante na interpretação/tradução pode ser compreendido como a *estrutura da mensagem*. Esse fator se resume ao modo como se organiza e se distribui a mensagem, se seu sentido se transmite com clareza ou não. Segundo o Dicionário de Língua Portuguesa Aurélio (versão 3.0), a palavra “interpretar” significa “explicar, explanar ou aclarar o sentido de (palavra, texto, lei etc.)” e, ocasionalmente, dependendo da forma como se estrutura a mensagem, esse esclarecimento pode não ser possível, requerendo até mesmo deduções e inferências a partir das informações relatadas de maneira aparentemente “confusa” - uma vez que há diferenças estruturais entre as línguas.

Por mais que seja comum a prática da comunicação entre pessoas usuárias/falantes da mesma língua no meio social, é comum nos depararmos com alguns equívocos entre mensagem emitida e mensagem recebida. Quem já não disse algo a alguém e esse alguém entendeu tal mensagem de forma diferente da pretendida pelo emissor? Quantas vezes alguém deu um recado, até mesmo uma instrução, e a pessoa que o recebeu obteve outro entendimento? Essas situações são recorrentes no dia a dia, e muitas vezes as diferenças entre informações transmitidas e informações entendidas/assimiladas só são percebidas posteriormente.

Uma estrutura considerada básica, dividindo um texto em: começo, meio e fim ou introdução, desenvolvimento e conclusão, nem sempre traz uma clara organização que possibilite obter um entendimento perfeito. Muitos textos deixam brechas para várias

interpretações, como é o caso, por exemplo, de leis, decretos, editais de concursos, questões de provas, anúncios de vendas de produtos, e outros que já fazem parte do cotidiano, levando a conflitos que geram processos contra instituições e empresas, dado que as pessoas, de acordo com suas interpretações, podem se sentir prejudicadas pelo que julgam falta de esclarecimentos nas informações transmitidas por esses textos.

Para melhor compreensão dessa discussão sobre a estrutura da mensagem, observe-se a seguir um texto modelo, cuja gramática está correta, mas que, mesmo assim, não permite um entendimento claro da circunstância em que se passa:

Se os balões estourassem, o som não poderia ser levado porque tudo estaria muito longe do andar certo. Uma janela fechada seria suficiente para impedir que o som fosse levado, uma vez que os prédios têm isolamento sonoro. Como toda operação depende de uma corrente elétrica contínua, uma quebra no meio do fio também causaria problemas. Evidentemente, o sujeito poderia gritar, mas a voz humana não é suficientemente forte para ir tão longe. Um problema adicional é que a corda do instrumento poderia arrebentar. Assim, não haveria um acompanhamento para a mensagem. Logicamente, a melhor situação seria se a distância fosse menor. Assim a possibilidade da ocorrência de problemas seria bem menor. Em um contato cara-a-cara quase nada poderia dar errado. (BRANSFORD, 1979 *apud* NASCIMENTO, [200?])

Quem/quais são os sujeitos desse texto? Onde se pode localizá-los)? O trecho afirma que há algo distante – o quê? Qual “problema” seria bem menor? O que está acontecendo? É possível apelar somente para deduções para entender o que se passa?

Ocorrências como essas estão presentes no dia-dia dos Intérpretes/Tradutores. Deparam-se tais profissionais com textos e discursos que – pela sua disposição ou organização – produzem como efeito sentido confuso e/ou incoerente, de tal forma que mesmo a competência técnica não seja suficiente. Para esclarecer as ideias do texto apresenta-se, a seguir, uma imagem representativa que completa as informações não expostas claramente no texto.



Figura 1. Serenata ao Luar.

Mesmo que se faça valer o adágio de que uma imagem vale mais que mil palavras, é preciso que se considere que a figura pode ser descrita de forma coerente, de forma a fazer o leitor imaginar a figura. A solução mais imediata seria explicitar o primeiro fator – o conhecimento prévio da mensagem (alguém pretende fazer uma

serenata e a pessoa a quem ela se destina mora em um prédio, no terceiro andar), o segundo fator (saber explicar como se propaga o som...), e assim por diante.

Mencionemos um quinto fator determinante que ao ser empregado exige cautela especial: *tradução de tradução*, caso em que há o envolvimento de pelo menos uma língua escrita (BRASIL, p11. 2004.) ou *interpretação de interpretação*.

*Tradução de tradução* ou *interpretação de interpretação* é um processo que pode ser comparado com a brincadeira de “telefone sem fio”, no decorrer da qual a primeira pessoa envia a mensagem para a segunda pessoa, essa segunda pessoa envia a mensagem para a terceira pessoa que envia para a quarta pessoa, que envia para a quinta, e assim seguidamente, até chegar à última pessoa. Nessa brincadeira, quanto maior o número de pessoas transmitindo a mensagem menor será a possibilidade de a mensagem da primeira pessoa ser a mesma transferida para a última pessoa. Ora, esse processo pode estar em jogo no trabalho de interpretar/traduzir: quanto mais a tradução se distancia da versão original – passando por várias línguas – menor será a possibilidade de a tradução final produzida ser fiel à original, uma vez que equívocos podem acontecer em cada transferência de mensagem, em cada versão traduzida, não tendo como fonte a versão original.

Esse processo de *interpretação de interpretação* se fez presente em um Congresso de nível internacional, realizado em 2003, durante o qual havia interpretações simultâneas<sup>4</sup> entre línguas de sinais e línguas orais. Houve momentos em que as palestras envolviam seis (6) línguas simultâneas, e obtínhamos a ordem de dois segmentos: Segmento A: a palestrante usava a Língua Americana de Sinais (ASL), uma pessoa interpretava para a Língua Inglesa, da Língua Inglesa outra pessoa interpretava para a Língua Portuguesa, da Língua Portuguesa outra pessoa interpretava para a Libras. Segmento B: a palestrante usava a ASL, uma pessoa interpretava para a Língua Inglesa, da Língua Inglesa outra pessoa interpretava para a Língua Portuguesa, da Língua Portuguesa outra pessoa interpretava para a Língua Espanhola e da Língua Espanhola outra pessoa interpretava para a Língua Espanhola de Sinais (LSE).

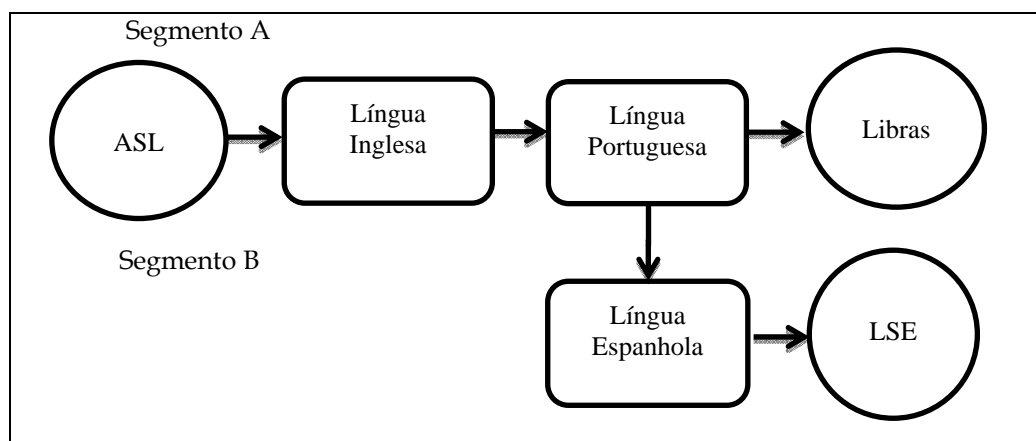
Observemos abaixo um fluxograma dos segmentos das interpretações do Congresso realizado em 2003, supracitado:

---

<sup>4</sup> Interpretação simultânea - É o processo de tradução-interpretação de uma língua para outra que acontece simultaneamente, ou seja, ao mesmo tempo. Isso significa que o tradutor-intérprete precisa ouvir/ver a enunciação em uma língua (língua fonte), processá-la e passar para a outra língua (língua alvo) no tempo da enunciação. (BRASIL, 2004, p.11).



Quadro 2: Segmento da Interpretação.



Faz-se referência ao Congresso não com intuito de criticar ou de duvidar da integridade das interpretações. Pelo contrário. O objetivo é admirar a qualificação dos profissionais atuantes, e aproximar os leitores da compreensão a que se referem as discussões aqui apresentadas, de forma a expor as complexidades da tarefa de interpretar/traduzir.

Valer-se apenas de interpretação de interpretação ou tradução de tradução não é aconselhável, pois há muitas incertezas quanto ao conteúdo traduzido. Será que as traduções encontradas em revistas e livros realmente são fiéis ao que o autor do original quis transmitir aos leitores? Essa prática pode ser comparada como construir um trabalho científico apenas com citação de citação (conhecido como *apud*), sem ir nunca ao original para verificar se o conceito do material traduzido realmente equivale ao conceito do autor. Compreende-se que o processo tradução de tradução ou interpretação de interpretação é uma tarefa possível e usual, contudo, pelas discussões produzidas aqui, fica o alerta para que, se possível, esse processo seja evitado.

Entre vários conhecimentos e competências já citadas aqui, menciona-se o sexto fator, muito comum nas discussões sobre o estudo das línguas, denominado: *variações linguísticas*. Pode-se entendê-las como as palavras ou sinais (itens lexicais) usados em determinadas regiões, porém menos usados em outras, ou até mesmo desconhecido(a)s tanto para o intérprete quanto para a plateia. Um exemplo prático referente à Língua Portuguesa é o caso da palavra “mandioca”. Em alguns lugares não se costuma dizer “mandioca” e sim “macaxeira” ou “aipim”. Um intérprete que conhece apenas a palavra “mandioca” pode falhar na tradução/interpretação se o palestrante usar a palavra “macaxeira.” Segundo essa visão, não devem ser colocadas barreiras em aceitar sinais/itens lexicais diferentes, e sim entender que apenas são desconhecidos por determinados grupos de usuários ou falantes e que esse conhecimento das diferenças

linguísticas traz benefícios na interação entre os grupos, além de aumentar o vocabulário de ambos.

É possível perceber a influência de alguns formadores de opiniões sobre determinados grupos, ditando o que é certo ou errado, o que se deve e o que não se deve fazer, como um dogma, acima de qualquer crítica. Esses formadores de opiniões são muitas vezes exaltados como ídolos, supremos, “honrados”, autorizados, portanto, a estabelecerem nas Línguas de Sinais o que é correto e o que é incorreto, ignorando as particularidades de cada grupo usuário dessa língua, que podem vir a ser até mesmo como subgrupos frente a um “padrão” simplesmente imposto.

Contra esse pensamento, pode-se alegar primeiramente ser de grande valia tomar conhecimento do que é cultura e do que é língua, numa visão ampla, seja língua visual espacial ou oral. Para Gesser (2009, p.301), a cultura “é produtiva, dinâmica, aberta, plural e está em constante transformação, pois é construída situacionalmente em tempos e lugares particulares.” Cecílio e Souza (2011) afirmam que a língua faz parte da cultura de um grupo e que, portanto, se a cultura está em constante transformação e a língua faz parte dessa cultura, é evidente que a língua também se transforma e está sempre aberta, assim como a cultura.

Nesse contexto, indaga-se: como é aceito um sinal nas línguas de sinais ou uma palavra nas línguas orais? Podemos pensar em um exemplo do português brasileiro que gerou polêmicas, embora pareça ser algo simples e possível nessa língua. Pela primeira vez uma pessoa do sexo feminino tornou-se Presidente da República. A partir desse momento, essa pessoa, a senhora Dilma Rousseff, passa a ser chamada de “Presidente” ou “Presidenta”? Segundo Sérgio Nogueira (2010), essa questão “[...] deixa, portanto, de ser uma dúvida simplista de certo ou errado, e passa a ser uma questão de preferência ou de padronização” (grifo nosso). Claro que o autor refere-se à Língua Portuguesa, diferente das línguas de sinais, porém não se trata de regra gramatical específica da Língua Portuguesa, mas de uma simples escolha do léxico<sup>5</sup> a ser usado: este ou aquele? Enfim, deixa claro que usar uma ou outra palavra, nesse caso, é um ato de preferência ou nova padronização e não de gramática – não é caso de estar certo ou errado.

As línguas evoluem, transformam-se e, para entender a evolução das línguas de sinais é necessário, sim, considerá-las em suas especificidades, como também de maneira mais abrangente. Souza e Segala (2009, p.44), em uma produção específica sobre as línguas de sinais, fazem esta observação:

---

<sup>5</sup> Segundo Brito (2012), “O léxico pode ser definido a ‘grosso modo’ como o conjunto de palavras de uma língua. No caso da LIBRAS, as palavras ou itens lexicais são os sinais.”

[...] as Línguas de Sinais estão sujeitas às variações diacrônicas no sentido de que evoluem ao longo do tempo em suas funções sociais e em suas relações com determinada comunidade linguística. Além disso, podemos observar mudanças gramaticais em sua estrutura interna, condicionadas pelo uso social.

Nessa perspectiva, mesmo que as línguas de sinais tenham gramática própria (BRITO, 2010), não podemos negar que existam diferenças linguísticas entre grupos usuários da “mesma” língua de sinais. Determinar qual região ou grupo usa os sinais “corretos”, como fazem alguns formadores de opiniões, é uma futilidade. Para Cipro Neto (apud FRANÇA) “[...] a língua é construída diariamente, pelo uso que dela fazem aqueles que a falam e escrevem.” Ou seja, o grupo (usuários), com o tempo, determinará, de maneira formal ou informal, a apropriação ou não de determinado sinal. Se há variações culturais num mesmo país, conseqüentemente também há variações linguísticas de um mesmo povo, no caso, o Povo Surdo.

Obter proficiência em uma língua, tanto para pessoas que a usam como primeira língua ou para as pessoas que a usam como segunda língua, envolve acesso a outras regiões, com linguagens diferentes, contato com outros públicos, contrariando assim a ideia de que apenas determinado grupo, por se julgar superior, tem o direito de estabelecer que sinal está correto ou incorreto.

É reconhecido que os profissionais intérpretes louváveis, respeitados por grande número de pessoas da área, por sua notável competência na proficiência da língua, favorecem oportunidades de enriquecer seus conhecimentos; atuando com visão aberta, viajaram, visitaram, deram atenção a outros, reconhecendo as diferentes riquezas culturais de variados grupos ou povos e não os julgando como menores ou subdesenvolvidos. Aprendemos que o intérprete com visão emancipadora não irá restringir seu trabalho apenas a uma região, e que deve buscar novos conhecimentos e ampliar seu vocabulário, seja nas línguas de sinais seja nas línguas orais, pois sua competência para interpretar deve ser acentuada.

Em tal competência requerida pelo profissional intérprete, tomamos nota das interpretações simultâneas, durante as quais se deve transferir a mensagem para a outra língua no tempo da enunciação. Nesse tipo de trabalho, o intérprete deve buscar e organizar nos “arquivos” o seu conhecimento de mundo, seu conhecimento bi cultural utilizando sua competência na área, sua competência linguística, sua competência para transferência, sua competência metodológica e competência técnica, considerando as variações linguísticas regionais, “[...] construindo um sistema de equivalências entre dois universos linguísticos” (SAID, 2011), controlando a altura e tonalidade da voz, atentando para o vocabulário usado, para a clareza de entendimento, tudo isso em segundos ou

mesmo frações de segundo, a fim de proporcionar clareza aos usuários da língua alvo sobre as informações transmitidas na língua fonte.

Frente a esses pontos já apresentados, evidencia-se que a importância de analisar alguns fatores determinantes e pontos fundamentais na interpretação/tradução liga-se a uma discussão com um livro muito conhecido, já estabelecido como o mais vendido e que gera muita polêmica quanto ao entendimento de seu conteúdo, havendo muitas traduções e versões diferentes: a Bíblia Sagrada. Ela é traduzida de uma língua a outra, tendo como original o Hebraico, o Aramaico ou o Grego/Latim (OS ORIGINAIS, 2011). Torna-se muito comum encontrar nesse livro variações de traduções que muitas vezes alteram o sentido do conteúdo. É o caso, por exemplo, da referência bíblica: Jó 33:23-24, com quatro (4) versões que deixam possibilidades para várias interpretações. Três (3) dessas traduções são do mesmo autor, João Ferreira de Almeida, que corrige, revisa, atualiza, etc. São elas:

Pode ser que ele venha a ser socorrido por um anjo, um dos milhares de anjos de Deus, que ensinam a gente a fazer o que é certo. O anjo terá pena dele e pedirá a Deus: Solta-o! Ele não deve descer ao mundo dos mortos. Aqui está o pagamento do seu resgate. (BÍBLIA, Português. *Bíblia sagrada*. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000. 1306p, grifo nosso).

Há de se entender nessa versão que “o anjo [...] pedirá a Deus,” assim o anjo fala a Deus. Vejamos outra versão, agora de João Ferreira de Almeida:

Se com ele houver um anjo intercessor, um dos milhares, para declarar ao homem o que convém, então, Deus terá misericórdia dele e dirá ao anjo: Redime-o, para que não desça à cova; achei resgate. (BÍBLIA, Português. *Bíblia sagrada*. Traduzida por João Ferreira de Almeida - Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988, grifo nosso).

Pode-se entender agora que “Deus [...] dirá ao anjo”, diferent da versão anterior. E mais uma versão também de João Ferreira de Almeida:

Se com ele houver um anjo mediador, um entre milhares, para declarar ao homem o que lhe é justo, então terá compaixão dele, e ele lhe dirá: Livra-o, que não desça à cova; já achei resgate. (BÍBLIA, Português. *Bíblia sagrada*. Traduzida por João Ferreira de Almeida - Tradução das línguas originais. [S. l.] Alfalit Brasil, 1996, grifo nosso).

Nessa versão, compreende-se que um anjo declara ao homem, o anjo fala ao homem, diferenciando-se das duas versões anteriores. Questionemos mais uma versão também de João Ferreira de Almeida:

Se com ele, pois, houver um mensageiro, um intérprete, um entre milhares para declarar ao homem a sua retidão, então terá misericórdia dele e lhe dirá: Livra-o, que não desça à cova; já achei resgate. (BÍBLIA, Português. *Bíblia sagrada*. Traduzida por João Ferreira de Almeida - Revista e Corrigida. [S. l.]: CPAD, 1995).

Podemos entender agora que um mensageiro, um intérprete, declara ao homem, porém o texto não deixa claro, em se tratando de um livro com contextos espirituais, qual ser é esse “mensageiro, intérprete”, portanto poderíamos deduzir que um homem fala a outro homem.

Não há a intenção de se desmitificar a integridade das traduções da Bíblia, mas de tomar essa oportuna análise para refletir sobre a complexidade do ato de interpretar/traduzir uma mensagem, envolvendo documentos de extrema importância e registros de grande valor político, social e cultural = no caso, a Bíblia é um livro formado por vários outros livros em contexto histórico distante.

Fatos de divergências nas traduções e interpretações, como analisados acima, tornam-se mais frequentes se pesquisadas a fundo as questões relacionadas aos estudos das traduções/interpretações nos variados contextos, instigando a levar em conta as fidelidades das traduções/interpretações no contexto social.

### 3. CONCLUSÃO

Mediante todas as colocações deste estudo, com ilustrações e relatos do dia a dia e histórico-culturais, buscou-se aproximar o mundo das traduções e interpretações, e expor as dificuldades presentes no trabalho do profissional Tradutor/Intérprete, de modo a que se reconheça as traduções com suas variantes, geradas por vários fatores.

Dentre os aspectos mencionados quanto às dificuldades na tarefa de traduzir/interpretar, não se determinam como causas a falta de qualificação do profissional, todavia observa-se que as dificuldades são naturais a esse tipo de trabalho. Interpretar e traduzir vão além de lembrar palavras. Para Said (2011):

Todo tradutor profissional sabe - e qualquer exercício de tradução mais exigente se encarrega de provar - que nem todo sujeito perfeitamente bilíngue consegue traduzir bem. Saber falar duas línguas e lembrar palavras e conceitos é uma coisa; construir um sistema de equivalências entre esses dois universos linguísticos e saber empregar esse sistema de uma forma lógica e respeitando as normas de ambas as línguas é outra coisa completamente diferente.

O processo de interpretação relacionado a universos linguísticos diferentes exigem alto nível de conhecimento não somente das línguas, mas também conhecimentos amplos, diversos, a fim de buscar a melhor maneira de transmitir determinada mensagem - trabalho que se efetua com seriedade, muito distante de ser algo simples. Famularo (1999, apud GONÇALVES, 2011) diz:

[...] a interpretação, entre línguas, não é tarefa fácil, uma vez que não envolve meramente um ato mecânico de substituir palavras de uma língua para outra. Sobral et al (2010, p.2) diz mais: [...] a tradução não deve ser feita apenas pela correspondência lexical entre os idiomas. É necessário que o sentido da mensagem seja preservado e a intenção do autor seja respeitada, entendendo-se “mensagem” no sentido de uma intencionalidade de sentido e não de conteúdo.

Nota-se que mesmo com grande dedicação e competência no trabalho do profissional de traduzir/interpretar, o resultado nem sempre é de todo excelente. Said (2010, p.26), profissional da área de tradução e interpretação, argumenta: “O tradutor

experiente sabe que não existem traduções 100% fiéis ou equivalentes”, ficando notáveis e comprovadas pelos exemplos bíblicos supracitados, entre outros, as possíveis variações de traduções e interpretações passíveis de modificar o sentido da mensagem e que vários fatores podem ser determinantes nas traduções e interpretações entre línguas.

## REFERÊNCIAS

- BÍBLIA, Português. **Bíblia sagrada**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000. 1306p.
- BÍBLIA, Português. **Bíblia sagrada**. Traduzida por João Ferreira de Almeida - Revista e Corrigida. [S. l.]: CPAD, 1995.
- BÍBLIA, Português. **Bíblia sagrada**. Traduzida por João Ferreira de Almeida - Tradução das línguas originais. [S. l.] *Alfalit Brasil*, 1996.
- BÍBLIA, Português. **Bíblia sagrada**. Traduzida por João Ferreira de Almeida - Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.
- BRASIL. Secretaria de Educação Especial. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília: MEC; SEESP, 2004.
- BRITO, Lucinda Ferreira. **A língua brasileira de sinais**. Disponível em: <[http://www.artelibras.com.br/ewadmin/download/Gramatica\\_da\\_Libras.pdf](http://www.artelibras.com.br/ewadmin/download/Gramatica_da_Libras.pdf)>. Acesso em 09-01-2012.
- CECÍCIO, Gilmara Mariana. SOUZA, Camilo Darsie de. Identidades transitantes: o desencaixe do deficiente auditivo nos discursos de/sobre surdos e ouvintes. **Revista virtual de cultura surda e diversidade**. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/revista/compar5.php>>. Acesso em: 23/12/2011.
- CICCA, Ingrid. **Hábitos alimentares dos povos**. Disponível em: <<http://www.guiame.com.br/v4/186-1697-H-bitos-alimentares-dos-povos.html>>. Acesso: 15 de Jun de 2011.
- FATOR. In: AURÉLIO. **Dicionário de Língua Portuguesa**. Século XXI, versão 3.0. Editora Nova Fronteira. (Versão digital).
- GESSER, Andrei. Do patológico ao cultural na surdez: para além de um e de outro ou para uma reflexão crítica dos paradigmas. In: QUADROS, Ronice Muller de; STUMPF, Marianne Rossi (Org.). **Estudos surdos IV**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009. p. 277-308.
- INTERPRETAR. In: AURÉLIO. **Dicionário de Língua Portuguesa**. Século XXI, versão 3.0. Editora Nova Fronteira. (Versão digital).
- FRANÇA, Araci Reis de. **Presidente ou presidenta?** 2010. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI176658-18176,00-PRESIDENTE+OU+PRESIDENTA.html>>. Acesso em 29 Nov de 2011.
- GONÇALVES, Jaqueline. **O Intérprete de Libras no contexto educacional**: reflexões acerca das suas competências no ato da interpretação. Disponível em: <[http://www.epepe.com.br/epepe2011/comunicacoes\\_orais/eixo\\_1/o\\_interprete\\_de\\_LIBRAS%20.pdf](http://www.epepe.com.br/epepe2011/comunicacoes_orais/eixo_1/o_interprete_de_LIBRAS%20.pdf)>. Acesso em: 04 jul. 2011.
- NOGUEIRA, Sérgio. **A presidente ou presidenta**. 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/portugues/2010/11/01/a-presidente-ou-presidenta/>>. Acesso em: 11 nov. 2011.
- NASCIMENTO, J. O. **O dito e o não dito nos textos escolares**. [200?] Disponível em: <[http://www.geocities.ws/jonascimento/textualidade/icon\\_legend.html](http://www.geocities.ws/jonascimento/textualidade/icon_legend.html)>. Acesso em: 22 Jun. 2011.

- OS ORIGINAIS. 2011. **Sociedade bíblica do Brasil**. Disponível em: <<http://www.sbb.org.br/interna.asp?areaID=41>>. Acesso em: 12 jul. 2011.
- PARANÁ, Secretaria da Educação. **Aspectos linguísticos da Libras**. 1998.
- QUAIS foram os livros mais vendidos no mundo? 2008 Disponível em: <<http://www.ead.pt/blog/?p=338>>. Acesso em: 11 Nov 2011.
- SAID, Fabio M. *Fidus Interpres: A Prática da Tradução Profissional*. São Paulo: Edição do Autor, 2010.
- SAID, Fabio M. *Fidus Interpres: A Prática da Tradução Profissional*. São Paulo: Edição do Autor, 2011. 2 ed. (versão digital – E-book)
- SERENATA ao luar. Disponível em: <[http://www.geocities.ws/jonascimento/textualidade/icon\\_legend.html](http://www.geocities.ws/jonascimento/textualidade/icon_legend.html)>. Acesso em: 22 Jun. 2011.
- SOBRAL, A. et al. Tradução: a reprodução do sentido. In: IX ENCONTRO DO CELSUL. 2010. Palhoça.
- SOUZA, Danielle Vanessa Costa. Interpretação Libras/Português: uma análise da atuação dos tradutores/intérpretes de Libras de São Luís. **Revista Littera**, v. 1, no 1, jan – jul 2010. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/108/67>>. Acesso em: 09 ago. de 2011.
- SOUZA, Rosemeri Bernieri de; SEGALA, Rimar Ramalho. A perspectiva social na emergência das Línguas de Sinais: a noção de comunidade de fala e idioleto segundo o modelo teórico laboviano. In: QUADROS, Ronice Muller de; STUMPF, Marianne Rossi (Org.). **Estudos surdos IV**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009. p. 21-48.

---

**André Balan**

Intérprete de Libras. Especialista em Educação Especial: Educação Bilíngue para Surdos Libras/Língua Portuguesa – Faculdade de Maringá. Certificado pelo Prolibras/MEC no uso e ensino de Libras em Nível Superior. É Intérprete de Libras no SENAI.